

Cresce saída de professores da rede pública

Desiludidos com os baixos salários e com o resultado da última greve, os educadores deixam as salas de aula; vagas estão sendo preenchidas por estudantes e profissionais de diversas áreas

HELIANA NOGUEIRA

Aumenta diariamente o número de professores que abandonam as salas de aula. Desiludidos com o salário, o descaso do governo, a falta de interesse dos alunos e o desempenho dos colegas, até mesmo os efetivos estão desistindo da carreira. A decepção aumentou com o término da última greve por melhores salários, com duração de 34 dias.

Quem não optou pelo afastamento retomou as atividades na última terça-feira ganhando menos do que no início da greve (em relação ao salário-mínimo). Se, ao decidir pela paralisação, a categoria recebia R\$ 1,00 a mais do que dois salários mínimos (o piso era de R\$ 141,00, para um mínimo de R\$ 70,00), com o aumento do mínimo para R\$ 100,00 ela retorna ao trabalho 'sem receber um centavo a mais sequer'.

Apenas na Zona Norte, desde o início do ano, a média de professores que decidiram desistir do cargo — por meio do pedido de exoneração, dispensa ou afastamento por licença sem remuneração — é de cinco por escola, entre efetivos e temporários, de acordo com levantamento inicial do

Sindicato dos Profissionais do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp). A Secretaria Estadual da Educação possui apenas os dados dos efetivos que pediram exoneração do cargo — um total de 210 no Estado entre o início deste ano e 28 de abril.

Na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Ascendino Reis, na Zona Leste, a situação não é diferente. Somente ali, desde janeiro, quatro professores pediram exoneração e dez afastamento. Até agora, a escola não possui professor para as disciplinas de biologia, química e educação física, em nenhum dos três períodos. "A insatisfação é geral", afirma a diretora da escola, Leda Maria Andrade Terrezo Bomtempo. "Ninguém quer ganhar essa miséria."

De acordo com Leda, as mães mandam bilhetes reclamando, desesperadas, mas não há o que fazer. "Arranjo professor em um dia, no outro ele vai embora", diz a diretora. "Nunca tivemos uma situação como essa, atingindo até mesmo professores efetivos."

Para cobrir as vagas, apare-

cem como candidatos a professores, em sua maioria, estudantes, engenheiros ou dentistas, de acordo com diretores e professores da rede. "Como bico até que vale a pena", comenta o professor de filosofia João Paixão Neto, que leciona há 30 anos e só não participou da greve para não afetar a aposentadoria — que sai em menos de 15 dias. Paixão está radiante em deixar o emprego. "Fazendo traduções, em casa, ganho quatro vezes mais", garante o professor, que se diz arrependido da profissão que escolheu. "A escola pública é uma instituição completamente falida."

Na EEPSP Padre Manoel da Nóbrega, na Zona Norte, fazem parte do quadro de professores três engenheiros, um dentista e um estudante de farmácia. Três profissionais do magistério pediram afastamento do cargo e um deles, a professora Regina

Fiorini Aurichi, de 38 anos, optou pela exoneração no mesmo dia em que deveria retornar ao trabalho, após a greve. "Cheguei ao meu limite, esgotei", desabafa Regina, que dava aulas há 18 anos. "Não dá para suportar o desrespeito do governo, a delinquência dos alunos e a falta de profissionalismo dos pró-

prios professores, tanto em relação à greve quanto à carreira."

Na opinião de Regina, os colegas não tiveram pulso firme para manter a paralisação, se contentando com migalhas. "Não bastasse isso, penso que só pode reivindicar quem trabalha direito", analisa. "Mas há professores que assinam ponto sem ao menos trabalhar."

Seis professores da EEPSP Cândido Gonçalves Gomide, na Zona Oeste, pediram licença sem remuneração. Outros dois pediram demissão. "O Estado parou de valorizar a carreira do professor", explica a vice-diretora Amiltes Toffani. Segundo ela, muitos professores decidem dar apenas algumas aulas, deixando tempo livre para ganhar dinheiro em escolas municipais ou em outras atividades. "Não deixam o serviço de vez para não perder o vínculo com o Estado", diz. "Assim, muitas vezes sou obrigada a contratar até cinco professores para uma única matéria." Amiltes acrescenta que "os professores lutam para sobreviver. "Eu luto para manter a escola funcionando", disse.



Marilza Melito (1ª à esq.) e Jorge Mousse com outros professores: descaso do governo leva profissionais a buscar outro trabalho

Luz Paulo Lima/AE